

## editorial

A *Cadernos de Campo*, revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia Social da USP, tem mais uma vez sua comissão editorial renovada, reflexo da própria rotatividade dos alunos que compõem o programa. Continuamos com o desafio de manter a qualidade e periodicidade de nossa publicação, e esperamos que nossa revista evidencie em suas páginas algo do entusiasmo que tomou conta desta nova comissão. É com orgulho que apresentamos nossa décima nona edição.

Além do objetivo de produzir um novo número, esta comissão assumiu como uma de suas atribuições a busca pela plena virtualização do acervo e informatização da editoração da revista. Após três anos dialogando com a Comissão de Credenciamento, buscando integrar o Portal de Periódicos da USP como alternativa ao portal *Scielo* – portais que limitam a participação da revista por sua periodicidade anual – a *Cadernos de Campo* tomou a decisão de enfrentar as dificuldades e buscar outras vias para a realização de tal projeto. Trata-se da inclusão da *Cadernos de Campo* no Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER/Ibict). Quando tivermos o site instalado e operando com o Sistema, acreditamos ser possível ter mais agilidade e solidez no processo de avaliação das colaborações, além da disponibilização e maior visibilidade online.

O presente número mais uma vez evidencia a preocupação tanto com a variedade temática e institucional, quanto com contribuições que proporcionem o debate e instiguem nossos leitores. Exemplo disso é nossa seção *especial* que soleniza os 150 anos das obras *O Direito*

*Materno*, de Johann Jakob Bachofen e *Lei Antiga*, de Henry Maine, e, também, os 140 anos do *Sistemas de Consanguinidade e Afinidade da Família Humana*, de Lewis Morgan, e *Cultura Primitiva*, de Edward Tylor. Para homenagear a produção desses autores, comumente designados como evolucionistas, a *Cadernos de Campo* conta com a colaboração de intelectuais que se dedicaram, em sua trajetória acadêmica, a reflexões sobre essa temática. Frederico Delgado Rosa, em “Edward Tylor e a *extraordinária* evolução religiosa da humanidade” apresenta uma leitura inovadora do *Cultura Primitiva*; e a obra de Morgan é contemplada em “Lewis Morgan: 140 anos dos *Sistemas de Consanguinidade e Afinidade da Família Humana* (1871-2011)”, de Mauro Almeida, e em “1871: o ano que não terminou”, de Márcio Silva. O *especial* também é composto pela tradução do “Prólogo: Um Precipício no Tempo” de George Stocking Jr. que compõe o livro *Victorian Anthropology*. A tradução realizada por Íris Morais Araújo e Rafaela de Andrade Deiab tem apresentação escrita por Lilia Schwarcz e Íris Morais Araújo.

Em nossa seção *traduções* trazemos duas importantes contribuições: Roy Wagner e Talal Asad. No artigo “Existem grupos sociais nas terras altas da Nova Guiné?”, Roy Wagner desconstrói o caráter autoevidente dos grupos. Após uma retomada histórica dos usos do conceito na antropologia, o autor mostra como a necessidade de explicar as estruturas sociais por meio de grupos é fruto da própria cultura do antropólogo. Fazendo um apelo para que estes se empenhem em lidar com os outros povos e mundos conceituais em igualdade de con-

dições, coloca a necessidade de atentar para a criatividade nativa. Suely Kofes, em uma inspirada apresentação à tradução do artigo, coloca o texto como um elo perdido entre as reflexões de Evans-Pritchard e Marilyn Strathern. A autora afirma que a vitalidade do artigo reside no fato de sua crítica às teorias vigentes com base em um posicionamento teórico contundente se conjugar à apresentação de um universo etnográfico particular. Segundo ela, este é “um ângulo expressivo na trajetória de Wagner e na antropologia”.

No texto “A construção da religião como uma categoria antropológica”, Talal Asad procura compreender como a ideia de “religião” se tornou um conceito e uma prática social, desnaturalizando a categoria a partir de uma antropologia histórica. Asad parte de um diálogo com Clifford Geertz para discutir as possíveis relações entre sistemas simbólicos e práticas sociais, por meio desta leitura crítica coloca a necessidade de equacionar representação e mundo empírico. Com apresentação de Paula Montero, este texto seminal é uma peça importante para o debate no campo de estudo das religiões, na medida em que contribui para a desconstrução da ideia de que a religião é universal ao mostrar sua dinâmica ao longo da história e suas imbricações inevitáveis com fenômenos da ordem do político.

Outra contribuição para esta edição é a entrevista com o Prof. Dr. José Jorge de Carvalho, autor do livro *Inclusão étnica e racial no Brasil: a questão das cotas no ensino superior*, publicado em 2005. As questões levantadas pelos entrevistadores Ari Lima e Pedro Jaime tratam de temas desenvolvidos ao longo da trajetória acadêmica de Carvalho, tais como: estudos culturais, pós colonialismo, os desafios da antropologia no mundo transnacional, além da polêmica sobre o sistema de cotas no ensino superior, como política de ação afirmativa, e a oposição a sua implantação por parte de alguns antropólogos.

Na seção de *artigos e ensaios* reunimos trabalhos que revelam sensibilidade com os dados empíricos e cuidadosas análises teóricas. Abrimos nossa seção com o artigo “A Formação dos Desconfiados: Antonio Candido e a crítica literária acadêmica (1961-1970)”, que tem como tema uma análise da trajetória intelectual de Antônio Candido de Mello e Souza entre 1961 e 1970. O autor Rodrigo Martins Ramassote apresenta as relações entre o conteúdo temático discutido nos cursos ministrados por Candido e as pesquisas realizadas sob sua direção, principalmente no que se refere à sua relação com o Modernismo. Além disso, tece uma comparação entre as trajetórias de Antonio Candido e Florestan Fernandes na medida em que ambos constituíram uma agenda de pesquisa coesa e um projeto crítico hegemônico que foi seguido por muitos de seus discípulos.

Em “‘Felicidade é entrar num vestido P’: o culto ao corpo na sociedade urbana contemporânea”, Mirela Berger dedica-se a compreender e explorar a noção de “culto ao corpo”, que passa de “categoria analítica” a “vocabulário nativo”, especialmente entre frequentadores de academias na cidade de São Paulo, onde a pesquisa é realizada, bem como entender porque o corpo assume um lugar privilegiado nas referências simbólicas da sociedade urbana contemporânea. Ainda sobre o tema das representações corporais, o artigo “Trama terapêutica: um estudo sobre a (re)constituição da identidade de usuários de drogas” aborda, a partir de trabalho de campo em três instituições voltadas ao atendimento de usuários de drogas na grande Curitiba (PR), como em projetos terapêuticos variados é constituída a “identidade do dependente químico” e é processada uma metamorfose, que passa por uma consciência compartilhada desse estado pelos frequentadores dessas instituições. A autora Jacqueline Schneider percorre, assim, por meio das narrativas dos próprios usuários, as tramas

que envolvem essas representações e sociabilidades em jogo no processo de recuperação.

No artigo “Sujeitos, convenções e diferenças: Sobre Carla, Bárbara e Renata”, Bruno Cesar Barbosa analisa, a partir de histórias de vida, os usos e sentidos de categorias relacionadas a identidades sexuais e de gênero, sobretudo as de travesti e transexual. Seu intuito é mostrar que há reelaborações e deslocamentos de sentidos na construção das trajetórias biográficas, definição de corpos, subjetividades e identidades por parte dos pesquisados. A discussão sobre identidade também é trabalhada no artigo “Nômades e peregrinos: o passado como elemento identitário entre os ciganos calons na cidade de Sousa-PB”. A autora Patrícia Goldfarb analisa as narrativas dos ciganos acerca de seu passado e identidade, buscando articular a construção do grupo social, que se dá em oposição aos *juron*, não ciganos. Assim, a autora ressalta a importância da religiosidade e do nomadismo para grande parcela dessa população.

Tiago Cantalice da Silva Trindade aborda a transformação dos papéis de gênero e as estratégias de sobrevivência dos moradores próximos à Praia da Pipa em seu artigo “A rotina antes do paraíso: narrativas sobre a história de um destino turístico potiguar”. Por meio da utilização de história oral, o texto trabalha com os sentidos dos usos da Praia da Pipa, assim como com as demarcações sociais dos papéis de gênero na região e os confronta com dados coletados em campo. O autor busca ainda engajamento em uma reflexão afirmativa da agência dos nativos que encontra e questiona versões estereotípicas e folclorizantes a respeito deles.

Por meio de uma abordagem mais teórica e menos empirista, o artigo “Françoise Hérítier & Pierre Bourdieu: a construção hierárquica da diferença masculino/feminino” apresenta uma análise comparativa de dois textos, ambos produzidos em um intervalo de apenas dois

anos, a saber, *Masculin/Feminin, la pensée de la différence* (1996), e *La domination masculine* (1998). Apesar dos diferentes horizontes teóricos de Françoise Hérítier e Pierre Bourdieu, a autora Debora Breder ressalta a convergência de perspectivas de determinadas questões relativas à construção hierárquica da diferença masculino/feminino. Segundo essa análise, seria possível ancorar as “estruturas inconscientes do espírito humano”, de Hérítier, à noção de “inconsciente histórico e androcêntrico”, desenvolvida por Bourdieu.

No artigo “De corpos duplos: mestiçagem, mistura e relação entre os Karajá de Buridina (Aruaná-GO)”, Eduardo Nunes aborda o tema dos casamentos interétnicos a partir das noções dos Karajá sobre o que significariam as uniões entre índios e brancos, realizando uma crítica às interpretações que as entendem como perda cultural. Para a perspectiva indígena, essas uniões e os filhos que elas geram, ao invés de consistirem em processos aculturativos, definem-se por experiências corporais duplas em que os pontos de vista de índios e brancos, sem dissolverem-se um no outro, relacionam-se em uma unidade repartida. Já Marina Guimarães Vieira, em “A gente não faz mais guerra agora a gente está pensando: xamanismo e educação escolar entre os Maxakali”, aborda as relações dos Maxakali com seus outros, em especial, os Botocudos, os *yámiy* (espíritos) e os não indígenas. A autora sugere ainda que os Maxakali podem usar cantos e ritos ensinados pelos próprios espíritos para pacificá-los, assim como podem usar a escrita e a escola para pacificar os brancos.

O texto “Análisis de la ‘tutela’ Estatal en la producción de tabaco Burley (Misiones, Argentina), significados y disputas” é a contribuição internacional da seção *artigos*. A autora faz uma reflexão sobre a relação entre o Estado e os “colonos” produtores de tabaco, ao cruzar dados históricos desse cultivo com dados etno-

gráficos coletados em trabalho de campo feito em um período que compreendeu os últimos cinco anos na Província de Misiones, Argentina. A análise e metodologia trabalhadas por María Carolina Diez trazem contribuições para as pesquisas no campo da antropologia política, na medida em que apresentam um estudo das ações do Estado por meio de seus agentes, o significado dessas ações para os próprios produtores e, a partir disso, como se deu a construção social e política do campo de produção de tabaco.

Na seção *artes da vida*, José Colaço apresenta uma série de fotografias de pescadores da Lagoa Feia. O P&B, a profundidade do campo e os olhares esquivos anunciam uma câmera que se coloca na fronteira entre a revelação (fotográfica) e o segredo (do pescador), articulando uma poética da captura. Colaço, o fotógrafo que acompanha os pescadores pontagrossenses, cria imagens distintivas de um ofício que depende tanto do conhecimento técnico quanto das histórias de pescador e se inscreve no debate sobre a importância do direito costumeiro para a identidade do grupo.

Em nossa seção *resenhas* o leitor encontrará comentários críticos a obras que trabalham temas como consumo de substâncias psicoativas, religiões afrobrasileiras, antropologia do consumo, as práticas pré-carnavalescas, projetos culturais e políticas identitárias indígenas e história do processo de construção de Brasília. Entre as resenhas selecionadas estão aquelas sobre os livros recebidos pelo **Projeto Resenhas**, que constitui um esforço contínuo da *Cadernos de Campo* em estimular a produção de reflexões

acerca de importantes trabalhos de nossa disciplina. Neste ano, contamos com a colaboração das editoras Edufba, Perspectiva, Annablume, Humanitas, Papyrus, Aeroplano, Instituto Moreira Sales, Secretaria do Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza, Ministério do Desenvolvimento Agrário/Núcleo Desenvolvimento Agrário Rural (MDA/NEAD), às quais agradecemos. Além do Projeto Resenhas, a *Cadernos de Campo* tem dedicado esforços para a ampliação de sua visibilidade. Nesse sentido continuamos com o **Projeto Bibliotecas** que visa distribuir a revista a instituições de ensino superior que tenham cursos de antropologia, principalmente aos programas de pós-graduação. Fechamos a edição com a seção *informes* que é dedicada ao Núcleo de Antropologia do Direito (NADIR) e ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos.

A *Cadernos de Campo* agradece a todos os autores que submeteram suas colaborações, aos professores que gentilmente se dispuseram a contribuir, aos pareceristas dos artigos, aos professores e funcionários do Departamento de Antropologia e ao Programa de Pós-Graduação pelo financiamento e incentivo, à Revista de Antropologia e aos nossos parceiros de venda, Editora Humanitas e ANPOCS. Agradecemos ainda aos professores que colaboraram com nossa seção *especial*: a George Stocking Jr., Frederico Rosa, Mauro Almeida, Lilia Schwarcz e Márcio Silva, e ainda a Manuela Carneiro da Cunha, por intermediar nossa comunicação com George Stocking Jr.

Boa leitura!